



Tanto os trabalhos espirituais como os da construção de apartamentos não têm sua rotina modificada com a ameaça do lago que nascerá do Rio São Bartolomeu

# Vale do Amanhecer não crê na inundação

Adeptos da Ordem Espiritualista Cristã

M. CAVALHEIRO  
Da Editoria de Cidade

O Vale do Amanhecer mantém sua rotina. As construções não param e incluem um prédio com 15 apartamentos, destinados a abrigar visitantes que desejam passar a noite. Continuam a chegar levas de pessoas — cerca de 60 mil procuram auxílio espiritual ali a cada mês. Para os adeptos da Ordem Espiritualista Cristã, a questão do lago é pequena demais. Eles dizem que enfrentarão o transtorno quando chegar a hora, mas aparentemente não crêem na inundação. E, se ela vier, esperam apenas que lhes seja dado tempo para a mudança sem a interrupção dos trabalhos. A idéia de transferi-los para a Cidade Esotérica não é bem recebida.

da: "Vamos para onde quisermos", garante um médium, lembrando que a Ordem nunca pediu nada ao governo e também não se dispõe a mudar para onde este achar melhor. Já um pouco mais abaixo, às margens do São Bartolomeu, pequenos chacareiros e empregados rurais preocupam-se com o destino. "Pra onde a gente vai?", indaga o perplexo José de Lemos, que trabalha por um salário mínimo na chácara de um sargento. "Em vez de fazer lago, tinham era que dar esta terra para quem precisa pra plantar", opina Aparecido Albino, que inadvertidamente comprou uma olaria no local há um ano e continua vendendo tijolos para construções que o governo terá de indenizar junto com as terras.

## Morador toca as construções

O Vale do Amanhecer continua o mesmo. Está lá, com seu ritmado desfile de capas largas, fartas cores e variados símbolos. Há certa inquietação, principalmente entre as pessoas mais simples. A posição oficial é a de que os espiritualistas deixam tudo o que construiram para trás no prazo definido quando o governo comunicar que necessita daquelas terras situadas atrás da cabeceira do Rio São Bartolomeu. Mas — por não crer na inundação ou porque ela efetivamente não os afeta — os filhos do Pai Seta Branca não quebram sua rotina. Mais do que isto, constróem.

Constróem sabendo que, se amanhã for dado o sinal verde para a formação do lago, os 15 apartamentos destinados a abrigar visitantes ficarão com água até a altura de um metro e meio — segundo alguém andou explicando aos futuros desalojados. Estes apartamentos em construção, uma de várias obras em andamento no imponente vale, ficam um pouco adiante do templo principal. Ali são atendidas cerca de 60 mil pessoas a cada mês.

"Só tem uma coisa: nós saímos daqui, mas ninguém diz para onde vamos. Não estamos pedindo nada ao governo. Nós escolhemos este lugar e escorcheremos outro". Quem fala é Bálamo Alvarez. Ele mostra certa indignação com as palavras do governador José Aparecido sobre uma virtual consulta à criadora da Ordem Espiritualista Cristã, a conhecida Tia Neiva. Isto, diz, nada tem a ver com a doutrina praticada no vale. "Nós temos nenhuma espécie de fanatismo, saímos à hora em que for preciso", completa Manoel Lacerda Feitosa, um homem de 46 anos, há 15 no lugarejo.

### AUTO-SUFICIENCIA

São 730 casas distribuídas num retângulo de um alqueire — única área ocupada na gleba de 22 alqueires cuja posse precária está com as Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã, nome pelo qual o vale atende formalmente. As estimativas de população são variadíssimas. Há quem fale como o primeiro homem da hierarquia religiosa, Mário Sassi — em menos de 4 mil. Como há quem fale em 5 mil e até 7 mil habitantes. O certo é que eram 3 mil 25 moradores quando foram visitados pelo pessoal do censo demográfico, em 1980.

Aí não falta nada, garante Sassi, Primeiro Mestre Sol Trino Tumuchy. As pessoas em geral trabalham no Plano Piloto ou são aposentadas. Ele próprio se aposentou há cinco anos, deixando um cargo de Relações Públicas na UnB. Uma hora e 45 vacas de leite ajudaram a tornar um tanto inócuas as investidas do candidato impugnado Múcio Athayde, que também ali pretendeu trocar pão e leite por votos.

É quase uma comunidade auto-suficiente", define o Primeiro Mestre Sol Trino Tumuchy. E esta característica de Prosperidade serviu para atrair muita gente ao vale e fazer com que a Ordem Espiritualista Cristã partisse para empreendimentos bem distantes de sua especialidade: na área da assistência social. Era preciso atender aos necessitados que chegavam em busca de um lote. A distribuição de áreas parou com a morte de Tia Neiva, e hoje para obter um espaço no retângulo é preciso comprá-lo de algum desidente. As obras sociais, porém, continuam, e um orfanato atende 200 crianças, na grande maioria filhas de mães solteiras pobres.

### PROLE FARTA

E com base nesta contenção do crescimento — motivada em parte pela "ameaça de mudança" — que Sassi afirma que a população não cresceu muito desde o censo de 1980 e estaria portanto entre 3 mil e 4 mil habitantes. Um médium fez uma estimativa de cerca de 7 mil, dizendo que não há menos de 10 pessoas em cada casa, em média. "O aluguel de quartos é muito comum aqui", explica.

De qualquer modo, o vale crescerá: "A produção de crianças é muito grande", brinca Sassi. O vilarejo tem seu restaurante, suas lancherias, mercearias. E praticamente todos são "irmãos" da Ordem Espiritualista Cristã. "Isto é um pronto-socorro mundial", lascou uma senhora, enquanto gentilmente conduzia o repórter à direção do vale — um lugar onde de existem os poderes político e policial, mas se respeita a hierarquia religiosa.

Ocorrencias? Sassi conta que vez por outra acontece algum atrito entre um casal ou entre vizinhos. E isto é o máximo. Com pesar, ele lembra um desabamento, que matou duas pessoas, e a morte de uma jovem que supostamente fora ao

vale e depois foi encontrada morta num riacho, no caminho de Planaltina. Mas isto faz tempo. Ele não consegue lembrar em que ano foi. Diz que há uma espécie de "polícia espiritualista", que faz sua ronda, distribui boas energias e não reprime — já porque não há o que reprimir, já porque não tem poderes para isto. "Aqui todos são livres", assegura Bálamo, sempre atarefado com a organização da vasta obra de Tia Neiva, acumulada em enormes gavetas repletas de fitas gravadas e num armário de ferro.

### ALCOOL NÃO

Bálamo explica que a única restrição existente diz respeito ao consumo de álcool. "Más não é que sejamos contra as fábricas de cachaça", ri. E esclarece tratar-se de "um problema técnico". "Nós mexemos com energia que é gerada no sangue e circula pelo sistema nervoso". O álcool, afirma, prejudica o trabalho dos médiums. Por isso, não é encontrado à venda no Vale do Amanhecer. Já o café é consumido em abundância, e o mesmo se pode dizer dos cigarros.

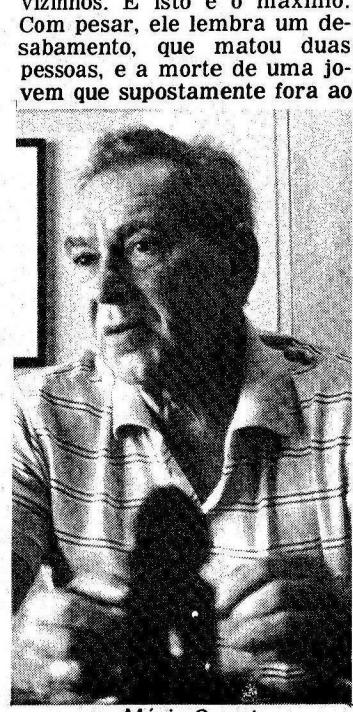
A energia captada em outra dimensão e manipulada pelos médiums seria capaz de operar supostos milagres. "Nós resolvemos que é possível, não podemos curar males físicos. Se você tem um tumor, precisa ir a um médico e cortá-lo". A explicação é do experiente Lacerda, uma figura de calma imperturbável e um daqueles que mais tranquilidade manifesta quando se fala no lago. Como Bálamo, ele diz que esta é uma questão pequena demais para que se ocupem dela. "E só uma hipótese, não vamos fazer nada por causa de uma hipótese", arremata.

O amplo templo é dividido em várias seções. Uma para os doentes, uma para os que têm problemas familiares e pessoais, uma para os espíritos milenares — que trariam grande energia de seus combates antissimons — e assim por diante.

Mais para o lado da cabeceira do Rio São Bartolomeu, está a Estrela Caudete do Solar dos Médiums. Ali, a beira de um lago calmo e com um morro às costas, são feitos os rituais mais importantes do vale: "A estrela é a bateria que mantém o templo funcionando", explica Sassi.

Na estrela, há uma pequena cachoeira, acima da qual a água subirá cerca de um metro quando o grande lago estiver formado. Situado além da cabeceira do São Bartolomeu, o vale por pouco não escaparia de se tornar parte da grande piscina. A água inundará o templo, chegará aos apartamentos cuja obra nem terminou, cobrirá inteiramente o calmo lago à margem do qual concentrar-se-ão os médiums, mas deixará ainda uma parte do povoado livre da água. Um pedaço da memória da cidade dos médiums, se ela for mesmo inundada.

Aquele local, que se diz ser um ponto privilegiado para o magnetismo, foi indicado por entidades espirituais a Tia Neiva. Agora, se for o caso de sair, os espiritualistas estão certos de que este obstáculo — embora possa trazer dificuldades — não fará cessar o seu trabalho.



Mário Sassi

## É a terceira transferência

Para onde ir — se o vale for realmente inundado — é uma questão que ainda não preocupa os espiritualistas. Eles estão seguros de que receberão a indenização apropriada quando chegar a hora. Não será a primeira mudança, mas sem dúvida vai se tratar da mais difícil. A primeira comunidade fundada por Tia Neiva funcionou na Serra do Ouro, próximo à cidade de Alexandria, no interior de Goiás. De lá mudou-se para Taguatinga e finalmente foi para a zona rural de Planaltina — a seis quilômetros da sede do município.

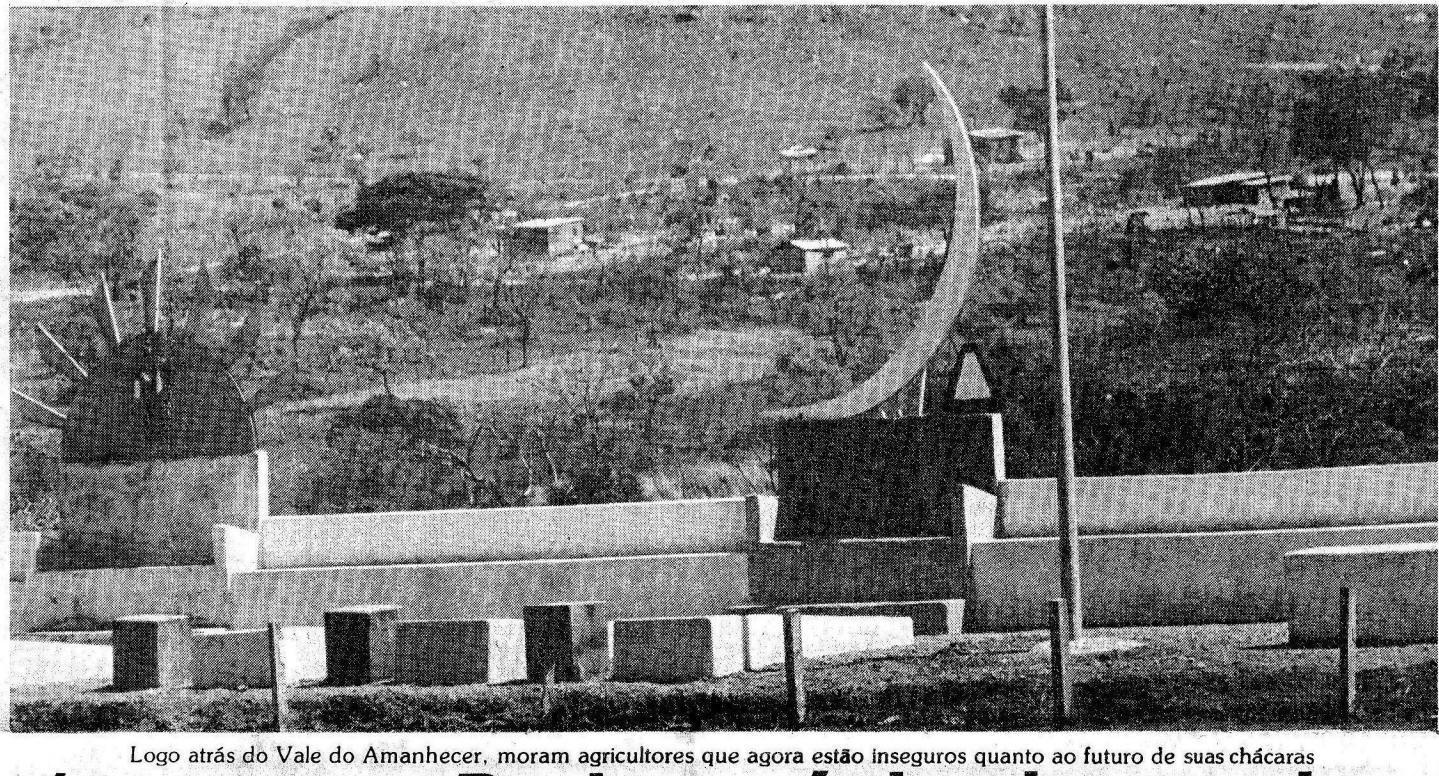
Essas mudanças, porém, envolvem um número bem menor de pessoas. Basta ver que uma publicação de 1979 estima em apenas 500 pessoas os moradores — embora este seja um cálculo seguramente defasado, já que eram 3 mil 25 habitantes no censo de 1980, é indicativo de que o grande crescimento deve somente no começo desta década, até ser contido pelos espirituais.

Hoje, pelos cálculos de Mário Sassi, cerca de dois terços dos habitantes são médiums. O pronto-socorro espiritual atrai estudiosos de todo o mundo, é assunto na imprensa internacional e 24 horas por dia procura aliviar as mazelas de quem o procura. Criou-se toda uma infra-estrutura comercial e de serviços. A água desce da montanha, segue o Canal e mergulha em tubos de PVC que a levam até as residências.

Há escola, atendimento médico, um comércio razoavelmente desenvolvido — e casas de todos os tipos. Como transferir tudo isso, entretanto, parece uma questão pequena demais para os espiritualistas. A doutrina não será inundada, garante Bálamo Alvarez, enquanto explica que prefere não ser entrevistado, pede desculpas pelo mau estado de espírito e diz não sem razão que a imprensa se ocupa de mesquinharias, de "cascalho". "Todo dia chega um aqui", diz ele, e vai desfazer nomes pesados da imprensa nacional e internacional. "Mas o que vocês vêm aí é pra que vocês nunca vêm em busca da doutrina?", indaga.

E nesta mesma doutrina que ele encontra a segurança de que não será um lago qualquer a acabar com todo esforço acumulado desde que Tia Neiva — aos 33 anos de idade, em 1959 — começou a passar por estranhos fenômenos paranormais, que terminaram por levá-la a criar a Ordem Espiritualista Cristã, mescla de fé e ciência, de amor e razão, como definem seus adeptos.

Aquele local, que se diz ser um ponto privilegiado para o magnetismo, foi indicado por entidades espirituais a Tia Neiva. Agora, se for o caso de sair, os espiritualistas estão certos de que este obstáculo — embora possa trazer dificuldades — não fará cessar o seu trabalho.



Logo atrás do Vale do Amanhecer, moram agricultores que agora estão inseguros quanto ao futuro de suas chácaras

## Produto químico desce o rio

O agricultor avverte ao repórter e ao fotógrafo para que se mantêm a certa distância de um monte de terra, do qual sai um cheiro penetrante, incômodo às narinas. Há ali "um produto altamente tóxico", explica ele. Estamos às margens do São Bartolomeu. Ali, José Cândido Neto, que recebe orientações da Emater, despejará brevemente 15 caminhões de adubo orgânico e nada menos de quatro toneladas de fertilizantes químicos. A terra na região não é boa. Precisa de ajuda para produzir, e esta ajuda desce o rio — manancial de água para Brasília no futuro.

Toda aquela região próxima das cabeceiras é um pontilhado de chácneas. Produz-se tomate, milho, feijão, arroz, beterraba. Trabalha-se duro, de sol a sol, e agora com a preocupação adicional de não saber quantas safras serão colhidas. A insegurança espalha-se sem qualquer aviso oficial. "Tinhamos que receber uma notificação", opina José Cândido, com seu falar caipirônico.

Ele tem bons motivos para se preocupar. Tratorista com a visão prejudicada por um acidente, jogou tudo o que tinha naquele terra e agora não faz a menor ideia do que vai lhe acontecer. A chácara existe há 13 anos. Em dezembro de 1984, ele pagou Cr\$ 23 milhões por 48 hectares. Corrigido, este valor dá um custo atual de mais de Cr\$ 2 mil por hectare. Enquanto trabalha na terra adquirida a muito custo ("atrasou o pagamento e com os juros saiu por Cr\$ 32 milhões", diz), José Cândido pensa no futuro, na indenização, na mudança — no indefinido, que esta situação se arrasta há anos.

**FRUSTRAÇÃO**  
Arrasta-se há tanto tempo, que o gaúcho Roque Orémio de Mello — que em 1968 comprou uma área de 130 hectares — formou-se em Direito antes de encontrar uma solução para o seu problema. Ele aplicou às

margens do São Bartolomeu o produto da venda de uma gleba no Rio Grande do Sul e uma herança recebida pela esposa.

Pretendia criar gado Jersey e ovelhas. "Nem pescar na minha terra eu posso", queixa-se o frustrado fazendeiro.

Pescar não pode, mas sua maior mágoa nesta longa história é a impunidade de quem pode desmatar 10 hectares de sua propriedade, às margens do São Bartolomeu. Mello só quer uma solução para o caso de suas terras. "Uma definição qualquer, mas uma definição", explica, agoniado por tanto tempo de espera. Ele garante que há uma série de outros proprietários a quem interessa querer tipo de acordo com o governo. Uma área em outro local, um terreno no Lago Paranoá, ações do BRB. Qualquer acerto que de para o governo.

É a terceira transferência

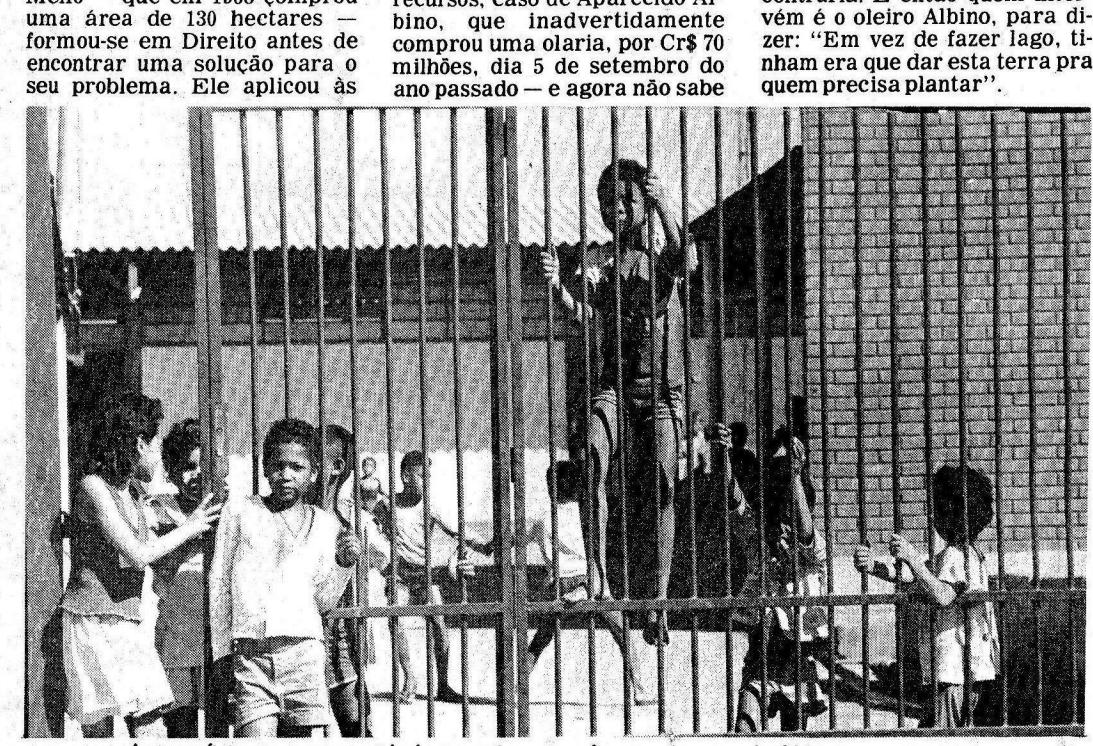
até quando produzirá tijolos. Mas Albino, com suas preocupações, pode também atestar que às margens do São Bartolomeu a rotina não foi alterada. Ele vende 60 mil tijolos por mês e não tem um pingo de capacidade ociosa. "E o que eu posso produzir, se pudesse fazer mais, vendia", diz, assegurando que os proprietários continuam construindo. Essas obras podem estar alicercadas na descrença de que o lago só virá, na certeza da indenização — já que a retirada das ações pelo Caesb faz com que o governo não tenha de indenizar todas as benfeitorias existentes na data em que decretar a área como de utilidade pública — ou nestes dois pensamentos.

Essa zona, próxima à cabeceira do Rio São Bartolomeu, é pontilhada por pequenas chácneas, de benfeitorias em geral simples. Há porões sítios e fazendas de algum porte na área, mais abaixo, no chamado Córrego do Melo — e propriedades de famílias ricas, mansões que o GDF terá de indenizar para barrar o rio e inundar 110 quilômetros quadrados.

### REFORMA

Para um sargento do Exército, que de 15 em 15 dias aparece, José de Lemos trabalha por um salário mínimo e pelo direito de plantar uma rocinha e criar alguns animais. Para um advogado, trabalha José Janaci de Medeiros, que planta e divide a sementeira a meio. Esses homens simples, que já não têm terra, preocupam-se com seus empregos, os quais afinal garantem o parco sustento.

"Pra onde a gente vai ir?", perturba-se Lemos. Medeiros é rápido ao contestar a afirmação de seu amigo, de que a maioria das chácneas ali seria de lazer: "Aqui todo mundo produz", contraria. E então quem interessa é o oleiro Albino, para dizer: "Em vez de fazer lago, tinham era que dar esta terra pra quem precisa plantar".



Auto-suficiente, a comunidade mantém um orfanato que atende 200 crianças carentes